

aplaude al mismo tiempo, pero no se aplaude a sí mismo: aplaude al proyecto del que siente partícipe y contribuyente. Me imagino al homenajeador aplaudiendo este libro.

Francisco Leal

Washington University in St. Louis.

Renata Mautner Wasserman. *Central at the Margin: Five Brazilian Women Writers*. Lewisburg: Bucknell University Press, 2007.

É muito bem-vindo o livro de Renata Mautner Wasserman, *Central at the Margin - Five Brazilian Women Writers*, sobre as exitosas, de público e crítica, Júlia Lopes de Almeida, Raquel de Queiroz, Lygia Fagundes Telles, Clarice Lispector e Carolina Maria de Jesus. Se nas últimas décadas tem havido um esforço constante entre feministas do Brasil para dar atenção e espaço produtivo à criação literária de escritoras – através de conferências especializadas e editoras que a própria autora ressalta – é também verdade que pouco se tem publicado nessa área, especialmente em língua inglesa. O livro de Wasserman supre essa falha.

Sóbria e aptamente escrito, *Central at the Margin* abstém-se de facciosismo já que não compreende o enquadramento da alocação de poder no campo da produção cultural em termos de exclusão ou repressão, mas como um relacionamento politicamente compositivo e não-confrontador, ao menos em relação às escritoras que analisa. O livro é composto de uma introdução seguida por cinco capítulos, devotados cada um ao estudo de uma escritora, e por fim uma conclusão.

Faz-se claro na introdução que Wasserman evita trabalhar com categorias vagas, como seria o caso se se comprometesse, como ressalta, com análises de acordo com uma

suposta estética ou linguagem feminina, com a voz da mulher do terceiro mundo ou com o ponto-de-vista da mulher brasileira. Ao contrário, deixa transparecer um diálogo entre as escritoras, vindas de regiões, classes e etnias diversas, e o que “têm de comum entre si enquanto brasileiras e com outras mulheres enquanto mulheres.” Como o título indica, a autora pretende posicioná-las no âmbito da literatura brasileira, marcada por sua localidade, ou seja, pelo fato de que não é uma “literatura mundial.” Wasserman, contudo, nos alerta para possíveis reducionismos de uma definição precisa de um lugar para as escritoras, ainda que segundo uma noção aparentemente não-essencialista, como *posicionalidade*, pois artefatos culturais e artísticos e seus produtores comumente “transbordam” tanto os postos aos quais são designados como as categorias analíticas com as quais os críticos, no afã de explicá-los, terminamos por confiná-los. Dialogando teoricamente com uma de nossas mais sagazes críticas feministas no Brasil, Rita Terezinha Schmidt, Wasserman busca algo como ressaltar o que há de culturalmente marcante entre as mulheres brasileiras no âmbito das obras que analisa.

Uma questão crucial para compreender-se a formulação do cânone inicia o primeiro capítulo, “Complacência Incompleta,” qual seja, o fato de que Julia Lopes de Almeida (Rio de Janeiro, 1862-1934) teve um êxito em vida que se dissipou com o tempo, fenômeno explicado por diferentes críticos como estilo e conteúdo frouxos, pouco incisivos. Almeida viveu circunscrita ao seu círculo de privilégios e ainda que participasse da elite, para Wasserman, teria sugerido como adaptar as ideais progressistas de seu tempo e permitido um encaixe para o ambiente local não alcançado pela intelectualidade con-

temporânea sua, arrebatada pelas “idéias fora do lugar” celebrizadas por Roberto Schwarz. A autora analisa as narrativas *Correio da roça* (1913), *A intrusa* (1908), *A Silveirinha* (1914) e *A falência* (1901), respectivamente, procurando mostrar o pragmatismo da romancista. Localiza na questão do trabalho atada ao status social o eixo em torno do qual gravita o sistema de gênero nesses romances. Wasserman nota que à Almeida interessa, não o confronto entre os sexos, ainda que reconheça a total dependência da mulher, mas mostrar ambos como vítimas do sistema patriarcal aristocrático ou burguês.

Os romances *O quinze* (1930), *As três Marias* (1939), *Dôra, Doralina* (1975) e *Memorial de Maria Moura* (1992) de Raquel de Queiroz (Fortaleza, 1910-Rio de Janeiro, 2003) são examinados no segundo capítulo, “Um lugar de mulher.” Esta análise se centra na relação de mando dentro de famílias cuja autoridade se institui na tradição da posse da terra – base da influência sócio-política no nordeste brasileiro. A autora destaca a problemática relação das filhas na vida do latifúndio e concentra-se mais nos romances em que, a exemplo de lendárias matriarcas nordestinas do agrado explícito de Queiroz, mulheres tomam o domínio da propriedade com a viuvez. Tanto em *O quinze* como em *As três Marias*, a autora nota a insubordinação da protagonista – Conceição abandona a terra e a um pretendente, prefere o trabalho na cidade e a maternidade adotiva e quase o mesmo ocorre com Guta no romance que segue: sua independência depende de não criar laços, pois não pretende viver nos padrões do casamento e da maternidade impostos à mulher. Os pontos altos dessa análise parecem dialogar com o que foi observado sobre como Almeida, no capítulo anterior, concebe as assimetrias en-

tre homens e mulheres, ora fortes e cruéis, ora fracos e amorosos, mas enfim vítimas de uma perversa engrenagem: “ambos homens e mulheres estão aprisionados.” Em última instância, contudo, é verdade que a posição das mulheres, como observa Wasserman, se deve à sua inserção de classe, mas em nenhum momento poderia deixar de ser vista como intersectada à hierarquia de sexo/gênero que permeia a sociedade.

“Político e íntimo” refere-se à relação entre “os limites impostos por normas sociais e por modelos literários,” na obra de Lygia Fagundes Telles (São Paulo, 1923 -). Ou seja, a intimidade sufocante dos romances, cujas personagens se encontram contidas por estruturas como a ciranda de pedra, o aquário ou uma banheira, reflete não apenas a passividade social delas, mas o claustro da “literatura feminina” com o qual se convencionou caracterizar a produção de Telles. O problema mais importante na obra de Telles, que Wasserman analisa em *Ciranda de pedra* (1954), *Verão no aquário* (1963), *As meninas* (1973) e *As horas nuas* (1989), é o conceito de “fição intimista.” Wasserman pretende confrontar os “sentimentos e impressões” que pertencem ao mundo doméstico – “onde os sistemas de relações interpessoais parecem estar entraizados” – com a ação da rua onde supõe-se, portanto, predomina o pensamento instrumental. Para Wasserman, as personagens dos primeiros romances de Telles aparecem resguardadas – a ciranda de pedra e o aquário são ambas figuras da proteção que as circunda. Limitadas, a experiência das protagonistas “exclui história, aprendizado, dinheiro e qualquer forma de trabalho.” Lorena, a burguesa e Ana a de origem humilde são alienadas e adstritas a uma feminilidade convencional. Lia é a ativista de esquerda e

também aquela cujo primeiro envolvimento íntimo é com o mesmo sexo. Tal masculinidade em ambas as atuações, para Wasserman, confere-lhe uma feminilidade ousada diante das outras. Ana e Lia tentam uma ponte entre a interioridade e a exterioridade, mas enfim torna-se exasperante sua falta de “efetividade no mundo:” inanes, as suas são “vidas se virando contra si mesmas em sua alienação.”

“Identidade, linguagem, silêncio,” embora se inicie com a geografia complicada de Clarice Lispector (Tchetchelnyk, 1920 – Rio de Janeiro, 1977) e considere fatos pessoais (ter nascido na Ucrânia, o sotaque Yiddish, a auto-definição como brasileira, a origem humilde, a experiência internacional) como indícios de sua identidade (brasileira, judia, esposa, mãe, mulher, cosmopolita), procura centrar-se em seu estilo evasivo, esquivo, e portanto indefinível. A análise da obra de Lispector escrita para crianças é o ponto alto do capítulo, e aí Wasserman identifica uma lacuna interessante: “leituras feministas da literatura usualmente não tratam de maternidade e crianças ou de mulheres escrevendo para crianças – por muito tempo uma das poucas atividades literárias aceitáveis para as mulheres como continuação de sua maternidade.” Wasserman mostra que Lispector apresenta ao público infantil as mesmas dificuldades com que obriga seu leitor adulto a se deparar – a alteridade radical do animal em relação ao humano em termos existenciais como vida e morte, liberdade, ausência e negação do ser. Através de sua análise, Wasserman conta com diversas leituras do trabalho de Lispector que estabeleceram um elo biografia-texto, salientando com isso a relação estética-identidade. Os textos usados pela autora para mostrar a delectável complexidade de Lispector são as histórias infantis *A mulher que*

matou os peixes (1968) e *A vida íntima de Laura* (1974), comparados principalmente com a novela *Hora da Estrela* (1977), o romance *A paixão segundo G.H.* (1964), os contos de *Legião Estrangeira* (1964) e alguns outros menos citados.

Considerações sobre a linguagem literária (ou documental) relacionada à subalternidade (ou liminaridade) de Carolina Maria de Jesus tomam o último capítulo, “Uma palavra diferente de um mundo diferente,” sobre os diários e a poesia da escritora. Wasserman problematiza a literatura testimonial de fundo politicamente ativista que floresceu nos anos 1960. Faz isso tanto quanto ao seu “efeito de verdade,” em geral, como em particular considera seu conteúdo de “representatividade e representação” por serem escritos por alguém que, como de Jesus, poderia esposar um ponto de vista coletivo ao trazer em primeira mão a experiência de uma setor social alheio à “classe econômica e social que tradicionalmente escreveu, leu – e definiu – a ‘literatura.’” As variações linguísticas na obra de de Jesus – rebuscamentos e erros – marcariam, para Wasserman, um entrelugar representativo e de representação: uma testemunha de seu ambiente, que por outro lado não tem intuito subversivo contra o público abastado para o qual escreve; um sujeito narrativo inflexo por classe, raça e gênero que não procura angariar solidariedade, mas deseja independência individual; uma escritora semi-analfabeta que pretende ser lida não pela “naturalidade” que sua condição poderia conferir ao seu trabalho, senão como produtora de literatura “no sentido tradicional.”

Em “Uma conclusão muito curta,” Wasserman convida à leitura e releitura daqueles escritores que “estabeleceram uma relação forte e próxima com seu público,” assim reiterando sua perspectiva desde o inf-

co de que não é a atenção a novos autores ou autores recém-descobertos o que altera a “visão do campo.” Quanto ao todo do livro, cabe um comentário no que se refere à forma – uma última revisão poderia eliminar erros do texto, clarificá-lo em alguns pontos, bem como padronizar citações e traduções. De qualquer modo, no entanto, como já transparece nas inúmeras discussões e trocas que sua leitura propicia, repleto de reflexões sagazes, o livro de Renata Mautner Wasserman é provocador. Retomará questões tradicionais sob uma nova luz e incitará debates importantes sobre as escritoras e o devido lugar entre seus pares. Tornar-se-á imprescindível nas salas de aula em vista da escassez de análises hábeis, que a um só tempo possam introduzir e problematizar a literatura brasileira no contexto *Brazilian Studies* dos Estados Unidos.

Regina R. Félix

University of North Carolina,
Wilmington

Lino Cornejo, Elizabeth; Kristel Best Urday, María Gonzales Chumpitaz, Alejandro Hernández Panaifo. Oía mentar la hacienda San Agustín. Bogotá: Convenio Andrés Bello, 2007, 210 pp.

La crítica y el debate sobre el testimonio en Latinoamérica se iniciaron en la década del setenta, teniendo su época de apogeo durante los años ochenta y hasta mediados de los noventa. A lo largo de ese periodo podemos diferenciar básicamente dos momentos. El primero se caracteriza por la celebración de una supuesta coherencia del discurso testimonial –tanto a nivel de la relación del gestor con el testor, de la veracidad en la representación, o de la dicotomía oralidad/escritura–, en

este tipo de crítica encontramos a autores como Margaret Randall, Miguel Barnet y John Beverley en sus primeros artículos. El segundo momento –la crítica, con una mirada mucho más aguda, menos entusiasta e incluso escéptica ante aquel ya no tan novedoso artefacto discursivo–, se encargó de visualizar las porosidades, incongruencias y tensiones dentro del discurso testimonial. Se hacen presentes autores como Antonio Vera León, Doris Sommer y Elzbieta Sklodowska, quien precisamente plantea estos dos momentos de la crítica testimonial.

A pesar de que la academia norteamericana cerró el debate –porque supuestamente el testimonio ya no cumplía su función contra-hegemónica después de haber sido asimilado por el canon y por la imposición global del capitalismo tardío–, en Latinoamérica se siguió produciendo discursos testimoniales, aunque es cierto que no al mismo nivel de las primeras décadas posteriores a su aparición. En el caso peruano existe un importante corpus difícil de ignorar, el cual requiere un sistemático análisis por parte de la crítica. Algunos testimonios producidos en la última década son: *Tanteo puntun chaykuna valen / Las cosas valen cuando están en su punto de equilibrio* (testimonio de Ciprián Phuturi Suni, edición de Darío Espinoza, 1997), *Soy Señora. Testimonio de Irene Jara de Marcelliano* (edición de Francesca Denegri, IEP, 2000), *Koshi shinanya Ainbo. El testimonio de una mujer shipiba* (Agustina Valera Rojas, edición de Pilar Valenzuela Bismarck, UNMSM, 2005) e incluso puede considerarse el acervo de 16,890 testimonios recogidos por la CVR (Comisión de la Verdad y la Reconciliación, 2001-2003).

Oía mentar la hacienda San Agustín viene a sumarse, no sólo a esta reciente producción, sino, a una basta tradición testimonial generada